

Fishlow propõe utilizar ao máximo a integração

ESTADO DE SÃO PAULO

O Brasil optou pelo seu crescimento econômico com endividamento e, precocemente, integrou-se aos mercados internacionais. Deve agora aproveitar ao máximo essa integração — hoje um instrumento de crescimento mais problemático do que há 10 anos — afirmou o professor Albert Fishlow, doutor pela Universidade de Harvard e catedrático em Economia da Universidade de Yale, na sua conferência sobre "As restrições externas à dívida brasileira". Fishlow participou, ontem, do seminário "Alternativas para a crise: o Brasil e a economia internacional", promovido pelo *Jornal da Tarde* e Instituto Roberto Simonsen, sob o patrocínio do Banco Itaú e do grupo Pão de Açúcar.

Ao presidir a sessão inaugural, o jornalista Ruy Mesquita, saudou o que considera "uma grande vitória" dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*: a adesão dos principais responsáveis pela política econômica à tese segundo a qual "o principal, senão o único responsável pela situação em que o País se encontra — ou pelo menos pelas proporções assustadoras da crise — é o próprio governo". O governo brasileiro, para Ruy Mesquita, não soube resistir, como os demais Estados das sociedades modernas, à tendência

natural de expansão da sua interferência nos diversos setores das atividades sociais, atingindo hoje características verdadeiramente "teratológicas", que adquiriram proporções inusitadas nestes últimos 17 anos — "graças à ausência de mecanismos institucionais que pudessem controlá-lo".

Citando Ronald Reagan, no seu discurso de posse, Ruy Mesquita lembrou: "O governo não é a solução: o governo é o problema. Não somos um governo que tem um país: somos um país que tem um governo". E, como adesões às teses defendidas pelos jornais, incluiu Carlos Geraldo Langoni, presidente do Banco Central, em seu recente pronunciamento na Escola Superior de Guerra. O ministro Delfim Netto, do Planejamento, também foi lembrado ao confessar, segundo Ruy Mesquita, "embora nas entrelinhas, que sua luta contra a inflação e para administrar a dívida externa trava-se agora dentro do próprio governo".

Ruy Mesquita considera que o ministro Delfim Netto foi modesto ao afirmar que "inexistem hoje almoços grátis", referindo-se à cota que paga agora de almoços servidos pelo outro governo. Para Ruy Mesquita, "o que o Brasil está pagando

hoje é um banquete, um banquete de governo".

O industrial Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, presidiu os trabalhos.

Nos debates, do qual participaram o professor Luciano Coutinho, da Unicamp; Sérgio Silva de Freitas, do Banco Itaú e Alkimar Moura, da Fundação Getúlio Vargas, contestou-se basicamente a afirmação de que o endividamento brasileiro deveu-se à necessidade de sustentar o "milagre econômico". O professor Luciano Coutinho foi quem discordou: "O endividamento externo não foi utilizado para sustentar o milagre: não era ao menos necessário". Referindo-se a pronunciamentos recentes do ministro do Planejamento, Coutinho diz: "Delfim afirma, como se não residisse no País, que é preciso fazer sacrifícios agora e que seria ridículo embarcar na folia econômica".

À tarde, o professor Michael Piore, do Massachusetts Institute of Technology, falou sobre "A crise internacional e o futuro do capitalismo". Participaram dos debates os professores Pérsio Arida (FEA-USP) e Luís Carlos Bresser Pereira (FGV/SP).